





Governador do Estado

Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca

Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa) Reney Dorow





ISSN 0100-8986

DOCUMENTOS № 296

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl Glaucia de Almeida Padrão Haroldo Tavares Elias João Rogério Alves Jurandi Teodoro Gugel Tabajara Marcondes



Florianópolis

2019



Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000 Site: <u>www.epagri.sc.gov.br</u> E-mail: <u>epagri@epagri.sc.gov.br</u>

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: http://cepa.epagri.sc.gov.br/ E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)
Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)
Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Maurício E. Mafra – Ceasa/SC
Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: junho de 2019 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Agosto/2019. Florianópolis, 2019, 46p. (Epagri. Documentos, 296).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 − 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986



APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter Presidente da Epagri



Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	10
Milho	
Soja	17
Trigo	20
Hortaliças	22
Alho	
Cebola	26
Pecuária	29
Avicultura	29
Bovinocultura	34
Suinocultura	38
Leite	44



Grãos

Arroz

Glaucia Padrão Economista, Drª. – Epagri/Cepa glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Em julho de 2019 os preços do arroz em casca em Santa Catarina fecharam em R\$ 42,29 (Figura 1). Esse valor reflete uma queda em relação ao mês anterior de aproximadamente 2%. A desvalorização dos preços contraria o comportamento esperado para este período que, com a maior parte do produto comercializada e entrada no período de entressafra, os preços tendem a se valorizar. No Rio Grande do Sul, os preços também desvalorizaram 2% em relação ao mês anterior, fechando em R\$ 43,08 na média estadual. A possível explicação para este comportamento é o enfraquecimento nas vendas do arroz beneficiado, que fez com que a indústria reduzisse o ritmo de aquisições do produto em casca, apenas para reposição dos seus estoques. Os produtores que ainda possuem o grão para venda e tem necessidade de fazer caixa para aquisição de insumos para a safra 2019/20 seguem negociando sua produção, mesmo a um preço abaixo do esperado. Mas, aqueles mais capitalizados esperam que a valorização dos preços ocorra nos próximos meses, em decorrência do período de entressafra.

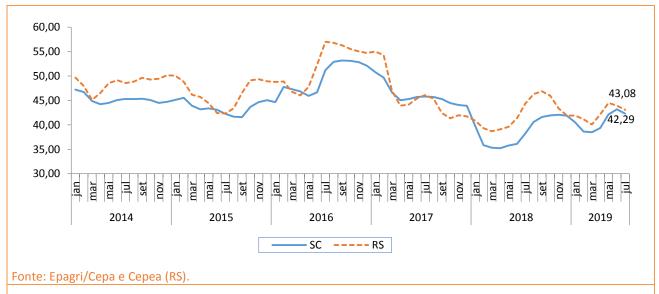


Figura 1. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (Jan./2014 a jul./2019) – R\$/sc 50kg

No entanto, na figura 2, onde são apresentados os preços mínimo, médio e máximo diário para o estado, observa-se que as notícias não são boas para os produtores. Os preços no primeiro decêndio de agosto seguem apresentando tendência de queda. Ademais, nota-se uma aproximação entre os preços mínimo e máximo no estado, indicando a pouca capacidade de negociação do produtor, bem como uma redução nos preços praticados nas principais regiões produtores em decorrência da influência do comportamento dos preços gaúchos.



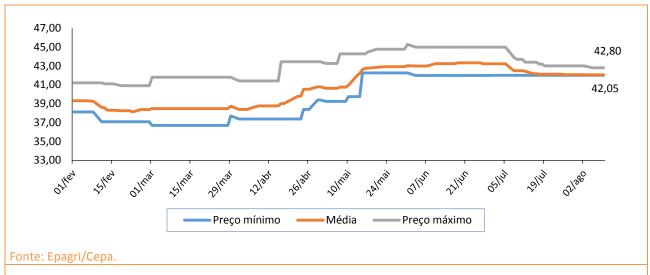


Figura 2. Arroz irrigado — Santa Catarina: evolução do preço diário real ao produtor — (jan. a jul./2019) — R\$/sc 50kg

Comercialização

Com a colheita do arroz finalizada no estado, a comercialização seguiu ritmo acelerado até o mês de maio. Até julho de 2019, estima-se que cerca de 86% da produção tenha sido comercializada. Isto porque a maior parte da produção é comercializada de imediato, em função da necessidade dos produtores de fazer caixa para pagamento dos financiamentos. O restante da produção é depositado na indústria e segue sendo vendido ao longo do ano, conforme necessidade da indústria ou dos produtores. Na comparação com as safras passadas, observa-se que o andamento da colheita seguiu ritmo normal, sem atrasos (Figura 3). As lavouras se desenvolveram normalmente, mas o excesso de calor ocorrido no período da floração resultou em redução da produtividade média em todas as microrregiões produtoras.

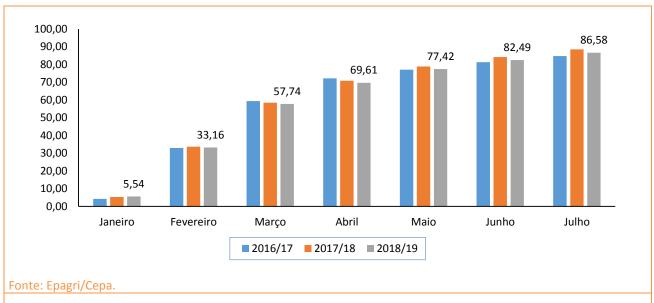


Figura 3. Arroz irrigado – Santa Catarina: evolução do % de comercialização – Comparativo das safras 2016/17, 017/18 e 2018/19, janeiro a junho



Mercado Externo

No que diz respeito ao mercado externo, observa-se que de janeiro a julho foram exportados 2,55 mil toneladas de arroz e derivados por Santa Catarina, o que equivale a US\$ 1,22 milhão. O principal arroz comercializado pelo estado foi o quebrado. Os principais destinos das exportações, até o momento, foram Namíbia, Trinidad e Tobago e Peru, que representaram 62% do total comercializado. Em contrapartida, a entrada de produto equivaleu US\$ 4,31 milhões, tornando a balança comercial do estado para este produto negativa. Cerca de 94% do valor importado teve origem no Uruguai, Itália e Paraguai, que são parceiros comerciais tradicionais do estado. Observa-se na figura 4 que a relação entre o preço de exportação e o interno foi menor em relação ao do ano de 2018. Isto se deve a valorização dos preços internos, bem como à redução dos preços internacionais, o que resulta em um mercado interno atrativo.

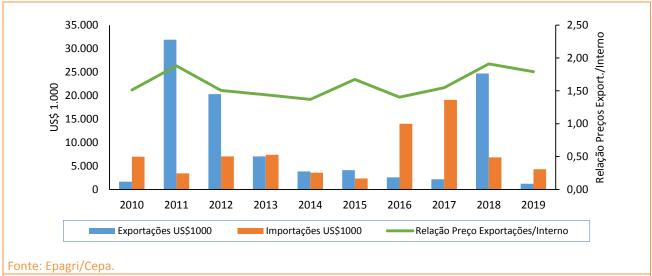


Figura 4. Arroz irrigado – Santa Catarina: exportações catarinenses em US\$ 1.000 e relação entre os preços de exportações e internos

Comparativo de safra

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo da safra 2017/18 e safra 2018/19											
	Sa	fra 2017/18		;	Safra 2018/1	9	٧	'ariação (%)		
Microrregião	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio		
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	383.657	7.445	0,00	-5,04	-5,04		
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	72.177	8.778	-1,60	7,17	8,92		
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	148.564	7.138	-0,21	-8,83	-8,63		
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	13.591	6.969	-26,69	-21,61	6,94		
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	74.573	8.109	0,93	1,98	1,03		
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.772	9.326	-31,41	-28,41	4,38		
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.225	149.657	8.212	-6,71	-9,23	-2,70		
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.782	83.759	8.563	-8,60	-12,68	-4,47		
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	976	8.131	-4,76	-7,60	-2,98		
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	17.819	7.156	-7,43	-12,22	-5,17		
Tubarão	21.094	173.214	8.212	20.927	157.910	7.546	-0,79	-8,84	-8,11		
Santa Catarina	146.939	1.182.596	8.048	143.445	1.104.454	7.699	-2,38	-6,61	-4,33		

Fonte: Epagri/Cepa (Junho/2019).



Feijão

João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado nacional de feijão-carioca está sendo abastecido pela produção dos estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás, com preços firmes e regulados pela oferta por parte dos produtores. Isto proporcionou significativa movimento de alta nas cotações durante o último mês. A safra que está sendo colhida provém de produtores bem informados e conhecedores do mercado, aspecto que proporciona boas negociações para produtores. Os empacotadores, sentindo que o mercado segue firme, estão indo às compras nas regiões produtoras para poder atender seus clientes. Com o fim das férias escolares de julho, o mercado consumidor teve ligeiro aquecimento, suficiente para animar o setor.

Em julho, o preço do feijão-carioca pago aos produtores catarinenses teve alta de cerca de 2%. Em comparação com o praticado há um ano, em termos nominais o preço está cerca de 53% mais alto. Para os produtores de feijão-preto, o preço foi 1,6% superiores ao praticado no mês anterior. Praticamente não há mais produto com os produtores disponível para comercialização. Produtores se organizam para o plantio da próxima safra, que deve iniciar em outubro.

Tabela 1. Feijão – Evol	ução do preço m	iédio mensal	pago ao pro	odutor – Safra 201	L8/19 (R\$/60)kg)
Estado	Tipo	jul./19	jun./19	Variação men- sal (%)	jul./18	Variação anual jul./19 – jul./18 (%)
Santa Catarina		130,00	127,22	2,19	85,00	52,94
Paraná		117,70	116,51	1,02	77,97	50,96
São Paulo	Feijão-carioca	143,66	140,48	2,26	95,45	50,51
Bahia		173,57	182,90	-5,10	126,50	37,21
Goiás		139,30	146,36	-4,82	97,08	43,49
Santa Catarina		119,86	117,94	1,63	127,66	-6,11
Paraná	Feijão-preto	114,47	116,56	-1,79	112,77	1,51
Rio Grande do Sul		142,43	151,81	-6,18	131,23	8,53

Nota: Feijão carioca SC-praça ref. Joaçaba.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, BA, GO e SP). Julho, 2019.

No mercado atacadista de São Paulo, o feijão-carioca apresentou comportamento firme no mês de julho, com alta no preço de 10,0% para o tipo especial. Para o feijão-preto, o preço segue com comportamento nominal, variando negativamente em cerca de 1,5% para o tipo extra.

Tabela 2. Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo											
Produto ⁽¹⁾	06/08/2019	10/07/2019	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾							
Feijão Carioca Extra (9,0)	171,00	160,00	6,88	estável							
Feijão Carioca Especial (8,5)	165,00	150,00	10,00	estável							
Feijão Carioca Comercial (8,0)	160,00	140,00	14,29	estável							
Feijão Preto Extra	160,00	162,50	-1,54	nominal							
Feijão Preto Especial	142,50	145,00	-1,72	nominal							

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

Nota 1: firme - quando existe procura acentuada do produto.

Nota 2: nominal - preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP). Julho, 2019.

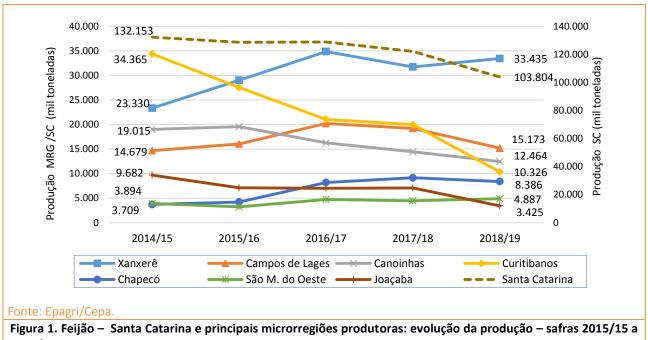
⁽²⁾ comportamento do mercado em 06/08/2019.



Safra

No mês de julho, tecnicamente foi fechada a safra de feijão no estado. A grande instabilidade nos preços, aliada ao aumento dos custos de produção e a concorrência de área com o milho, milho silagem e soja, são fatores fundamentais que estão causando a gradativa redução do plantio da cultura em todo estado. Esses fatores também fazem com que muitas cooperativas deixem de estimular os produtores a investir na cultura, que nos últimos cinco anos teve sua produção reduzida em cerca de 21,5% em todo estado.

Diante de tantas incertezas, a cultura vem gradativamente perdendo espaço no estado. Tradicionais microrregiões produtoras do estado tiveram reduções significativas em produção nos últimos anos. Curitibanos, da qual faz parte a região de Campos Novos, apresentou redução de 70%, Joaçaba 12% e Canoinhas 34%. Essas regiões tem em comum a utilização de sistemas de cultivo bastante tecnificados e produção voltada ao abastecimento do mercado nacional, ou seja, são lavouras plantadas predominantemente por médios e grandes produtores. Por outro lado, em microrregiões como Campos de Lages, São Miguel do Oeste, Chapecó e Xanxerê, observa-se aumento na produção, na ordem de 3,4%; 25,5%; 126% e 99,6%, respectivamente. Nessas regiões, a cultura de feijão vem ganhando espaço entre médios e pequenos produtores.



2018/19

Essa situação leva a reflexão sobre a possibilidade de cultivos de feijões que não tenham como destino apenas o mercado interno. Exemplo disso vem da região Centro Oeste, onde a diversificação de variedade plantadas está crescendo. Feijões vermelhos, pretos e rajados que atendem o padrão de consumo dos países importadores ganham espaço nas lavouras. No primeiro semestre de 2019, o Brasil exportou cerca de 57,2 mil de toneladas de feijões secos, que tiveram como destino principal países asiáticos, como Vietnã e Índia, representando crescimento de 34% no volume exportado em comparação ao mesmo período de 2018. Atualmente, o volume de feijões exportados gira em torno de 2% da produção nacional.

Feijão primeira safra 2018/19 - reduziu significativamente no estado. A cultura está perdendo espaço para lavouras de soja e milho. Nesta safra, a redução na área plantada chegou a 26%. Adversidades do clima prejudicaram a cultura, como estiagem na época de plantio, ocasionando perda no rendimento médio na ordem de 7%, quando comparada à safra passada.



Feijão segunda safra 2018/19 - predomina o cultivo do feijão-preto. O início da safra se mostrou extremamente favorável, sobretudo porque o produto alcançou os preço pago ao produtor mais elevado do ano, justamente na época de plantio da safrinha. O resultado foi uma segunda safra com área 18% superior à safra anterior, que resultou em safra 21% maior em produção.

Feijão safra total 2018/19 — redução da área estadual cultivada com feijão em cerca de 11%, que, em função de problemas de ordem climática, resultou numa redução de 6% no rendimento médio. Como resultado, a produção estadual foi 17% menor que a colhida na safra 2017/18.

	Safı	ra 2017/20	18	Sat	fra <mark>2018/2</mark>	019	Va	riação (%	6)
Microrregião	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	628	578	921	695	644	927	11	11	1
Blumenau	164	164	1.000	92	104	1.130	-44	-37	13
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	7.810	15.173	1.943	-17	-21	-5
Canoinhas	8.910	14.433	1.620	8.660	12.464	1.439	-3	-14	-11
Chapecó	5.298	9.415	1.777	4.982	8.386	1.683	-6	-11	-5
Concórdia	723	1.269	1.754	505	800	1.584	-30	-37	-10
Criciúma	3.124	3.678	1.177	2.954	3.425	1.159	-5	-7	-2
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	5.380	10.326	1.919	-41	-48	-13
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143						
Ituporanga	2.607	4.195	1.609	2.600	4.341	1.670	0	3	4
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.417	3.274	1.355	-36	-54	-28
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	1.321	2.062	1.561	1.231	1.829	1.485	-7	-11	-5
São Bento do Sul	660	948	1.436	880	1.116	1.269	33	18	-12
São M. do Oeste	3.547	6.031	1.700	3.024	4.887	1.616	-15	-19	-5
Tabuleiro	485	544	1.122	463	812	1.754	-5	49	56
Tijucas	184	213	1.158	170	199	1.171	-8	-7	1
Tubarão	2.322	2.663	1.147	2.158	2.526	1.170	-7	-5	2
Xanxerê	18.127	31.713	1.749	18.563	33.435	1.801	2	5	3
Santa Catarina	70.511	124.363	1.764	62.637	103.804	1.657	-11	-17	-6

Fonte: Epagri/Cepa. Junho, 2019.



Milho

Haroldo Tavares Elias Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços pagos ao produtor apresentaram movimento de baixa de março a maio. No entanto, em junho e julho houve uma reversão nesta tendência, pautado por problemas da safra americana. Mesmo com uma excelente safra nacional, estimada em 98,5 milhões de toneladas, os preços reagiram, recuperando parte das perdas dos últimos meses. Na média mensal, em junho o preço foi de R\$ 32,81/sc de 60kg, 3,4% superior ao mês anterior e 16,3% inferior ao mesmo mês do ano anterior (Figura 1). No Paraná e Mato Grosso do Sul, os preços apresentaram comportamento diferenciado. Nestes estados há maior disponibilidade do produto no momento, em função da colheita da segunda safra, que este ano é expressiva. No MT, os preços estão mais estáveis, com menor influência do mercado interno. Os preços, em julho e início de agosto, refletem alguns fatores, relacionados abaixo, sendo o primeiro com influência de baixa e os outros indicando o fortalecimento dos preços internos:

- o relatório de agosto da USDA (dia 12 de agosto) indica a recomposição da produção americana, safra 2019/20 de 352,4 (estimativa jul./19) para 353,09 milhões de toneladas (ago./19), o que pressionou os preços imediatamente após a divulgação do relatório De qualquer forma, a expectativa de produção Americana está inferior ao último ano em mais de 10 milhões de toneladas¹. As informações que oscilam em cada relatório, provocam indefinições quanto a real dimensão da safra americana. Mercado com forte influência climática nos próximos 30 dias;
- o preço pago ao produtor (praça Chapecó) recuou de R\$ 32,00/sc para R\$ 31,00 a 60 kg do dia 12 para 13 de agosto;
- aumento significativo das exportações brasileiras de milho, que no acumulado até julho alcançaram 15,5 milhões de toneladas, com recorde histórico para mês de julho², sinal que os volumes poderão superar os 34 milhões de toneladas no ano, diminuindo a disponibilidade interna do produto;
- o câmbio é o fator que poderá mudar o cenário até então favorável para as exportações;
- a demanda interna por milho deverá se elevar em função das maiores exportações de carnes pelo Brasil, em especial para a China.

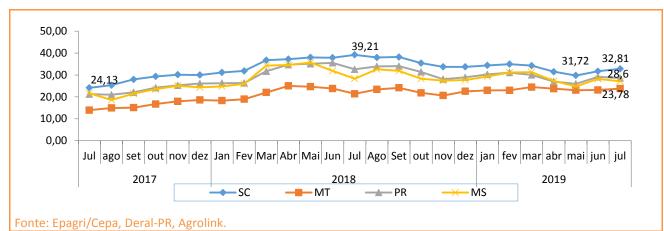


Figura 1. Milho – SC, PR MT e MS: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60Kg) de 2017 a junho/2019 (atualizados IGP-DI)

13

¹ World Agricultural Production, Circular Series WAP 8-19 August 2019.

² MDIC – Comexstat: <u>http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral</u>.



Safras

Os números finais da safra 2018/19 confirmaram a recuperação em 7,2% na área cultivada de milho 1ª e 2ª safras em relação à safra 2017/18. Com isso, a área cultivada alcançou 346.111 ha (1ª e 2ª safras), enquanto a produtividade aumenta em 4,9% 2018/19. Foram registradas produtividades superiores a 10.500 kg/ha nas regiões de Curitibanos/Campos Novos e Xanxerê/Abelardo Luz (Tabela 1), elevando a média da produtividade do estado para 8.358kg/ha. Considerando as últimas três safras, em que a produtividade média foi de 8.286 kg/ha, a atual registra a segunda maior produtividade da série. A expectativa é de que a produção do estado fique em 2,89 milhões de toneladas nas duas safras de 2019. No geral, uma safra relativamente boa. Alguns eventos climáticos atípicos foram registrados no decorrer do período de cultivo, como estiagem de 15 dias em dezembro de 2018, altas temperaturas em janeiro e fevereiro 2019, que não permitiram a expressão do potencial de rendimento da cultura em todas as regiões de acordo com a aplicação tecnológica. Nas regiões de São Miguel do Oeste e Concórdia (áreas do vale do rio Uruguai), os efeitos desses eventos foram mais significativos.

Milho 1^a safra

Tabela 1. Milho: Santa	Tabela 1. Milho: Santa Catarina - 1 ^a safra: comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19											
	S	afra 2017/18		Safr	a 2018/1 9 (f	inal)	Va	riação (%)			
Microrregião	Área	Quant.	Rend.	Área	Quant.	Rend.	Área	Quant	Rend.			
Microffegiao	plantada	produzida	médio	plantada	produzida	médio	plant.	Quant. prod.	médio			
	(ha)	(t)	(kg/ha)	(ha)	(t)	(kg/ha)	piant.	prou.	medio			
Araranguá	7.734	52.686	6.812	7.734	52.476	6.785	0,0	-0,4	-0,4			
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.605	4.597	-1,4	16,7	18,4			
Campos de Lages	33.080	248.812	7.522	32.300	258.140	7.992	-2,4	3,7	6,3			
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	29.300	254.032	8.670	1,7	-8,4	-9,9			
Chapecó	45.523	376.571	8.272	46.291	395.220	8.538	1,7	5,0	3,2			
Concórdia	22.659	164.939	7.279	23.650	174.831	7.392	4,4	6,0	1,6			
Criciúma	6.670	45.805	6.867	6.674	46.124	6.911	0,1	0,7	0,6			
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	24.335	258.392	10.618	40,2	63,7	16,8			
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	434	4.667	-74,1	-74,9	-3,2			
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	10.980	77.766	7.083	21,0	24,5	2,9			
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	57.425	527.732	9.190	16,9	29,5	10,8			
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.703	5.082	-14,1	10,3	28,4			
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	20.165	138.239	6.855	8,9	10,0	1,1			
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.100	32.650	7.963	-6,8	-8,3	-1,6			
São Miguel do Oeste	32.685	260.872	7.981	31.853	255.744	8.029	-2,5	-2,0	0,6			
Tabuleiro	2.725	15.737	5.775	2.975	16.972	5.705	9,2	7,8	-1,2			
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.100	5.245	261,5	413,0	41,9			
Tubarão	5.185	31.868	6.146	5.065	31.705	6.260	-2,3	-0,5	1,8			
Xanxerê	19.280	192.708	9.995	22.990	251.372	10.934	19,2	30,4	9,4			
Santa Catarina	305.983	2.468.879	8.069	329.872	2.791.237	8.462	7,8	13,1	4,9			

Fonte: Epagri/Cepa.



Milho safra 2^a safra

Tabela 2. Milho: Santa	Tabela 2. Milho: Santa Catarina - 2 ^a safra: comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19											
	9	Safra 2017/18	3	S	afra 2018/1	9	Variação (%)					
Microrregião	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio			
Araranguá	910	5.389	5.922	716	4.450	6.350	-21,3	-17,4	7,2			
Chapecó	5.594	39.775	7.110	5.460	39.058	7.137	-2,4	-1,8	0,4			
Concórdia	700	4.900	7.000	700	4.900	7.000	0,0	0,0	0,0			
Criciúma	864	4.734	5.479	790	4.296	4.999	-8,6	-9,2	-8,8			
São Miguel do Oeste	7.145	38.868	5.440	7.080	39.790	5.620	-0,9	2,4	3,3			
Tubarão	904	5.053	5.590	793	4.391	5.684	-12,3	-13,1	1,7			
Xanxerê	650 4.470 6.877			700	4.470	7.057	7,7	0,0	2,6			
Santa Catarina	16.767	103.190	6.154	16.239	101.355	6.257	-3,1	-1,8	1,7			

Fonte: Epagri/Cepa.

Milho total: (1^a safra + 2^a safra):

Tabela 3. Milho – Santa Catarina 1 ^a e 2 ^a safras: comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19											
	9	Safra 2017/18	8	:	Safra <mark>201</mark> 8/19		Variação (%)				
	Área plantada (ha)	tada produzida médio plantada produzida médio Planta-						Quant. prod.	Rend. médio		
Milho safra 1	305.983	2.468.879	8.069	329.872	2.791.237	8.462	7,8	13,1	4,9		
Milho safra 2	16.767	103.190	6.154	16.239	101.355	6.257	-3,1	-1,8	1,7		
Santa Catarina	322.750	2.572.069	7.969	346.111	2.892.592	8.357	7,2	12,5	4,9		

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução da produtividade de milho em Santa Catarina:

O rendimento médio do milho grão no estado tem evoluído consistentemente. Ao longo de sete anos, a produtividade passou de 6.939 kg/ha para 8.358kg/ha em média, incremento de mais de 200kg/ha/ano. A utilização de novas cultivares, fertilidade e manejo de solo são fatores que mais contribuíram para a elevação, figura 3.



Figura 3. Milho Total – Santa Catarina 1ª + 2ª safras: comparativo da evolução da produtividade das safras 2012/13 a 2018/19



Panorama nacional

Milho primeira safra: produção de 26,2 milhões de toneladas, 2,1% inferior à da safra passada. Colheita encerrada na Região Centro-Sul e em andamento na Norte/Nordeste.

Milho segunda safra: previsão de produção recorde, com 73,1 milhões de toneladas, crescimento de 35,6% sobre a safra 2017/18. A colheita se intensificou, atingindo 84% da área plantada.

Produção total de milho³, influenciada pelo bom desempenho do clima, atingiu 99.312,3 mil toneladas, representando um aumento de 23% em relação à temporada passada.

Exportações de milho

De janeiro a julho o Brasil exportou mais de 15,5 milhões de toneladas, 2,4 vezes superior ao mesmo período de 2018. Nesta projeção, as exportações poderão alcançar valores superiores a 34 milhões de toneladas no ano. Considerando um consumo nacional superior a 62 milhões de toneladas e produção de 99,3 milhões no ano em curso, projeta-se um suprimento justo em 2019/20, sem muitos excedentes. Fato que sempre causa preocupações no setor da agroindústria de proteína animal nacional e catarinense, em especial.

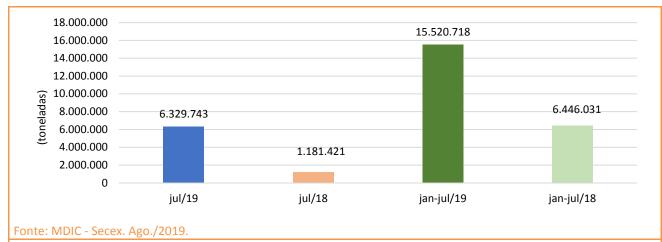


Figura 4. Milho – Exportação e Importação de milho pelo Brasil, comparativo 2019 e 2018 (julho e acumulado no ano) – em milhões de toneladas

_

³ Acomp. safra bras. grãos, v. 6 - Safra 2018/19 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-113 julho 2019.



Soja

Haroldo Tavares Elias Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Após um longo período de queda nos preços, com pequena recuperação em junho, os preços recuaram novamente em julho. Em Santa Catarina, os preços apresentaram uma reação de - 3,45% em relação ao mês anterior e, frente ao mesmo mês da safra passada, registrou retração de 15,05%. No Paraná, o comportamento foi semelhante. No Mato Grosso, os preços permaneceram relativamente estáveis nos últimos quatro meses. Em 2018, os preços se mantiveram, em boa parte do tempo, em patamares acima de R\$ 80,00/sc. Já em 2019, os níveis de preços se encontram próximos dos R\$ 70,00/sc (Figura 1). Os fatores que influenciaram as oscilações dos preços em julho e início de agosto foram:

- o relatório do USDA de agosto altera a expectativa de produção e estoques. A produção americana, entre os relatórios de julho e agosto/19 passou de 104,64 milhões de toneladas para 100,16 MT, respectivamente;
- o cenário de acirramento comercial e, agora cambial, entre China e EUA repercutem no mercado internacional das commodities, com perspectivas de melhora dos preços no Brasil;
- o mercado estava em compasso de espera, com os produtores aguardando melhores preços;
- a retomada das exportações para a China deve ocorrer em maior ritmo em agosto, favorecida pelo câmbio e prêmios em elevação;
- a demanda do setor de alimentação animal permanece firme, principalmente dos produtores de suínos. O mercado interno deverá aumentar a demanda;
- mercado com forte influência climática na região produtora do USA.

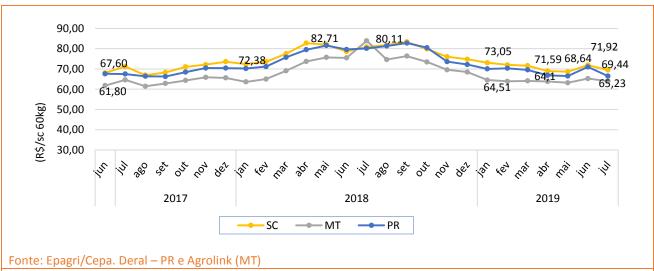
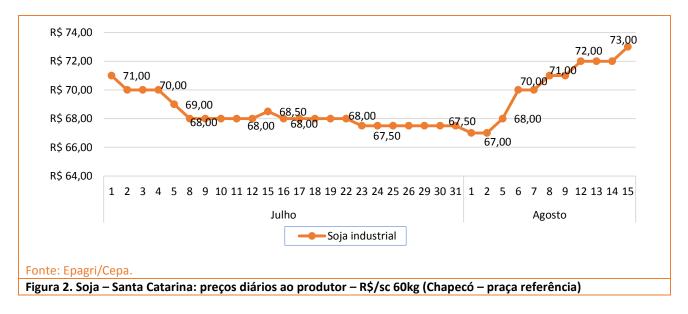


Figura 1. Soja em grão — Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina: preço médio nominal mensal ao produtor — junho/2017 a julho/2019



O comportamento diário dos preços está oscilando desde maio, refletindo diretamente o comportamento do mercado internacional (CBOT). O principal fator, neste período, foi o comportamento climático nos EUA, com excesso de chuvas, que faz com que a semeadura da atual safra americana seja considerada a mais atrasada dos últimos 20 anos. Isto poderá repercutir nos níveis de rendimento da lavoura. As cotações da soja diminuíram no início de julho, influenciadas pela melhora das condições climáticas no Centro-Oeste dos Estados Unidos e, consequentemente, pela queda dos contratos futuros negociados no CME Group. Em julho, o mercado estava em compasso de espera. No início de agosto, fatores como o acirramento da disputa comercial entre EUA e China, a elevação dos prêmios para o produto brasileiro e valorização do dólar frente ao real (que superou o patamar dos R\$ 4,00 reais em 14 de agosto), fez com que os preços reagissem internamente. Neste vai e vem dos preços, produtores seguram a produção a espera de uma reação nas cotações. Alguns momentos de pico de preços poderão oportunizar a posição e oferta do produto com melhores margens. Neste período de incertezas de mercado, o acompanhamento deve ser constante, confrontando com preços de insumos e melhor momento de venda. Nos primeiros 15 dias de agosto, o preços pagos ao produtor evoluíram de R\$ 67,00 a saca de 60kg para R\$ 73,00. A diferença de R\$ 6,00 por saca pode definir o lucro, considerando as margens apertadas na atualidade.



Fechamento da safra 2018/19

Em Santa Catarina, a área cultivada apresentou recuo de 2%, com cerca 670 mil hectares cultivados e produção estimada em 2,35 milhões de toneladas, pequeno recuo devido a menor área cultivada e rendimento 2,3% inferior à safra passada. Em relação às estimativas anteriores, está sendo corrigido o rendimento, em função de problemas climáticos já reportados nos boletins passados e pelas perdas no final da colheita no Planalto Norte. As intensas chuvas no fim de maio prejudicaram os serviços de colheita, afetando em quantidade e qualidade o produto, pois a umidade não permitiu a colheita em época ideal. As produtividades registradas nas regiões de Chapecó e Xanxerê apresentaram queda na atual safra frente a anterior, em razão das condições climáticas adversas em dezembro e do registro de áreas de cultivo de soja 2ª safra nas últimas estimativas, que apresentam rendimento inferior em relação à primeira safra. Estima-se que nas regiões Oeste e Extremo Oeste, em especial no Vale do Rio Uruguai, existam mais de 30 mil hectares de cultivo de soja segunda safra em sucessão ao milho grão e silagem. As regiões com melhores desempenho em termos de produtividade foram Curitibanos/Campos Novos e Ituporanga, que registraram rendimentos superiores a 4.000kg/ha. Cabe registrar que na região de Ituporanga o cultivo de soja ocorre sobre área de cebola, com aproveitamento da fertilidade residual, o que confere boa produtividade.



Tabela 1. Soja – Santa Catarina: área, produção e rendimento – comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19 (estimativa mar./2019)

		2017/18		2	018/19 final		Variação % (2017/18 a 2018/19)			
Microrregião	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	
Santa Catarina	684.045	2.458.989	3.595	670.330	2.354.153	3.512	-2,0	-4,3	-2,3	
Xanxerê	148.040	545.578	3.685	149.580	518.382	3.466	1,0	-5,0	-6,0	
Curitibanos	113.008	438.490	3.880	109.630	443.033	4.041	-3,0	1,0	4,1	
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	126.000	429.350	3.408	-2,9	-4,7	-1,9	
Chapecó	92.941	300.866	3.237	92.300	275.985	2.990	-0,7	-8,3	-7,6	
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	222.201	3.634	-9,6	-13,2	-4,0	
Campos de Lages	62.230	222.758	3.580	59.440	215.053	3.618	-4,5	-3,5	1,1	
São Miguel do Oeste	41.277	137.846	3.340	41.277	137.847	3.340	0,0	0,0	0,0	
São Bento do Sul	11.500	37.020	3.219	10.200	32.960	3.231	-11,3	-11,0	0,4	
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.220	29.352	4.065	-12,4	-14,0	-1,9	
Concórdia	5.330	19.855	3.725	6.575	23.537	3.580	23,3	18,5	-3,9	
Rio do Sul	4.015	15.721	3.916	5.020	19.476	3.880	25,0	23,9	-0,9	
Criciúma			0	1.938	6.977	3.600				
Fonto:										

Fonte:

Equivalência soja-milho

A área cultivada poderá ter acréscimo em comparação ao milho, no entanto é necessário ponderar entre a liquidez da soja no mercado internacional e a forte demanda interna do cereal para o estado. Neste vai e vem das commodities, o interessante é não apostar tudo somente em uma delas. A relação de equivalência dos preços soja/milho apresenta um cenário favorável ao milho em alguns momentos, sendo que uma relação inferior a 2,3 se apresenta favorável ao cereal.

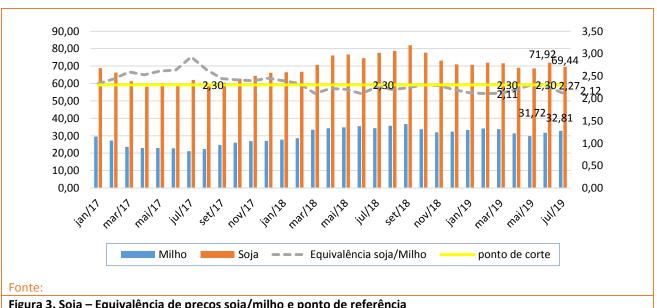


Figura 3. Soja – Equivalência de preços soja/milho e ponto de referência



Trigo

João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

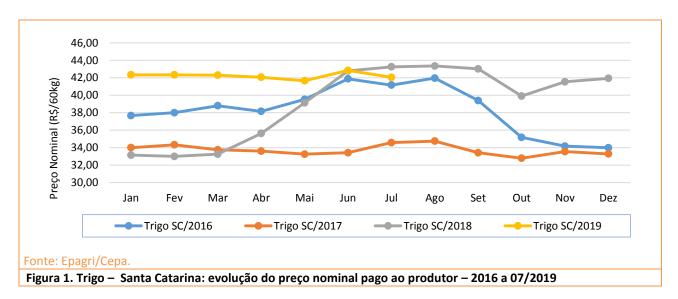
O preço médio oferecido aos produtores catarinenses pelo trigo ainda disponível para venda recuou cerca de 2% em julho. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os produtores receberam cerca de 3% a menos pela mesma saca de trigo grão de 60 quilos. No Paraná, segundo dados do Deral/PR, o preços permaneceu praticamente inalterado, em torno de R\$ 45,80/saca de 60kg. Comportamento idêntico foi observado no Rio Grande do Sul, que registrou preço médio de R\$41,00/saca.

A expectativa é de que o preço deva oscilar negativamente, isso porque tanto moinhos como agroindústrias estão bem abastecidos e deverão aguardar a nova safra para realizarem compras mais volumosas. Preço melhor para produtores poderá ocorrer com o início da colheita da nova safra nacional, quando teremos dados mais realistas sobre o volume de trigo a ser importado, passando a valerem para o mercado interno as cotações internacionais do cereal, sobretudo do mercado argentino.

Tabela 1. Trigo grão – Preço	médio pago ao prod	dutor – Safra 20)18/19 – R\$/saca de	60kg	
Estado	Jul./19	Jun./19	Variação mensal (%)	Jul./18	Variação anual (%)
Santa Catarina	42,05	42,83	-1,82	43,25	-2,77
Paraná	45,76	45,78	-0,04	49,35	-7,27
Rio Grande do Sul	40,83	40,60	0,57	40,78	0,12
São Paulo	52,90	51,30	3,12	63,43	-16,60

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional. Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP), julho, 2019.

A tendência histórica para o comportamento do preço recebido pelos produtores para o próximo trimestre é de ligeira queda. Pode-se observar que nos últimos três anos, entre os meses de agosto e outubro, há de maneira sistemática uma baixa nas cotações do trigo, comportamento este que poderá se repetir este ano.





Safra

Em Santa Catarina, o plantio da safra de trigo 2019/20 já foi encerrado. Com a atualização das nossas estimativas, a expectativa é de que haverá uma redução na área plantada de 8%, que poderá refletir numa produção 5% inferior à obtida na safra passada. O rendimento médio das lavouras deverá ficar 3% acima do que foi colhido na safra passada.

No campo é observado um bom desenvolvimento das lavouras, cultura teve boa recuperação em função das baixas temperaturas (abaixo de zero) que atingiram o Estado nas últimas semanas. Até o momento não foram registrados problemas que possam reduzir a expectativa de uma safra normal. A maioria das lavouras encontra-se nas fases de germinação e início de desenvolvimento vegetativo. Mesmo com pouco volume, a chuva que caiu nas regiões produtoras foi suficiente para que os produtores concluíssem o plantio. Nas regiões com lavouras mais adiantadas foi possível a realização da adubação nitrogenada e aplicação de fungicidas e inseticidas, conforme a necessidade das lavouras. O fator de preocupação a partir de agora é a falta de chuva. Persistindo a estiagem, poderão ocorrer alterações significativas nas estimativas no próximo mês.

No Paraná e Rio Grande do Sul, a maioria das lavouras se desenvolve em boas condições, mas a previsão de retorno das baixas temperaturas para os próximos dias e a falta de chuvas preocupam os produtores. No Paraná, segundo dados do Deral/PR, cerca de 4% das lavouras implantadas estão em fase de maturação, 40% em frutificação, 28% em floração e 28% em desenvolvimento vegetativo. Na Argentina, segundo a Bolsa de Cereales de Buenos Aires/AR, a semeadura do trigo cobriu 100% dos 6,6 milhões de hectares destinados ao plantio. Trata-se da segunda maior área com cultivo de trigo nos últimos 20 anos. A expectativa é de uma excelente safra, sendo que 97% das lavouras apresentam condição de cultivo de normal a excelente.

	Sa	fra 2018/1	.9	Estimativa	atual – Safra	a 2019/20	V	ariação ((%)
Microrregião	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	330	703	2.130	434	895	2.062	32	27	-3
Canoinhas	10.850	33.235	3.063	9.700	31.570	3.255	-11	-5	6
Chapecó	12.527	33.314	2.659	11.958	33.303	2.785	-5	0	5
Concórdia	1.330	3.942	2.964	670	1.872	2.794	-50	-53	-6
Curitibanos	7.500	28.026	3.737	7.301	30.510	4.179	-3	9	12
Ituporanga	765	1.938	2.533	595	1.568	2.634	-22	-19	4
Joaçaba	3.131	9.285	2.966	3.848	13.862	3.602	23	49	21
Rio do Sul	190	492	2.589	200	510	2.550	5	4	-2
São Bento do Sul	250	659	2.636	230	690	3.000	-8	5	14
São Miguel do Oeste	2.956	9.224	3.120	3.815	10.799	2.831	29	17	-9
Xanxerê	14.100	41.583	2.949	10.723	28.042	2.615	-24	-33	-11
Santa Catarina	53.929	162.401	3.011	49.474	153.620	3.105	-8	-5	3

Fonte: Epagri/Cepa, junho, 2019.



Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Cadeia produtiva do alho cobra do governo federal a renovação da tarifa *antidumping* para o produto chinês

A movimentação política da cadeia produtiva do alho está de olho nas ações do governo federal, com o objetivo de cobrar a permanência da tarifa *antidumping* sobre o alho chinês, principal concorrente da produção nacional.

A tarifa *antidumping* vigora desde 1996, imposta pelo governo brasileiro em função de comprovada prática comercial de *dumping* pela China. O valor da taxa é de US\$ 0,78/kg, que é renovada a cada cinco anos.

A renovação ou não da tarifa deve ocorrer em outubro deste ano, por isso a expectativa e vigilância da cadeia produtiva nacional.

Preço

O mercado atacadista do alho no mês de julho teve redução de preços, retornando aos patamares praticados em abril.

Mesmo assim, esta conjuntura pode estar sinalizando para uma estabilização dos preços da hortaliça, tanto no mercado interno quanto externo, principalmente pela oferta mundial, que está mais ajustada, com preços em recuperação (Figura 1), com o preço médio FOB de julho sendo o maior desde julho de 2017.

A safra catarinense de alho já foi totalmente comercializada. No mês de junho, conforme o último levantamento a campo, o preço médio pago aos produtores catarinenses foi de R\$ 2,90/kg para o alho classe 2-3, contra R\$ 2,28/kg em maio, crescimento de 27,19%. Para o alho nobre classe 4-5, o preço evoluiu de R\$ 5,67/kg para R\$ 6,50/kg, crescimento de 14,63%, e para o alho nobre classes 6-7 a evolução foi de R\$ 7,72/kg para R\$ 8,90/kg, crescimento de 15,28% no período.

Conforme afirmado acima, no mercado atacadista, em julho, os preços tiveram oscilações. Na Ceagesp, unidade da cidade de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado no final de junho a R\$ R\$ 16,85/kg, e no final de julho por R\$ 16,63/kg, redução de 1,3%. O alho classe 6, no mesmo período, teve oscilação mais acentuada, pois saiu de R\$ 18,77/kg, para R\$ 15,82/kg, redução de 15,71%, e o alho classe 7, que finalizou junho com preço de R\$ 20,72/kg, baixou para R\$ 17,38/kg, redução de 16,11%.

No caso do alho argentino comercializado na Ceagesp, a situação foi semelhante ao nacional. No final do mês de julho, o preço do alho classe 5 foi de R\$ 15,53/Kg, contra R\$ 15,91/kg em junho, redução de 2,38%. Em relação ao alho classe 6, o mês de julho fechou com preço de R\$ 17,04/kg, contra R\$ 17,42/kg em junho, recuo de 2,18%, e o alho classe 7 fechou junho a R\$ 19,02/kg, contra R\$ 18,46/kg em junho, aumento de 3,15%.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, em julho o alho nobre nacional, classes 4 e 5, finalizou o mês com preço de R\$ 13,00/kg, exatamente o mesmo preço registrado no final de junho. Para os alhos classes 6 e 7, o preço no final do mês de julho foi de R\$ 15,00/kg, contra R\$ 14,00 no mês de junho, aumento de 6,6% no período.



Contribuiu para o mercado favorável a recuperação e uma certa estabilidade de preços da hortaliça no mercado, bem como o período da chamada entressafra, em que a produção do Sul já foi comercializada e as regiões Sudeste e Centro Oeste ainda não iniciaram a comercialização na nova safra.

Produção

A safra catarinense 2018/19 de alho já foi toda comercializada, com resultados econômicos aos produtores, pelo segundo ano consecutivo, ruins.

Para a safra 2019/20, segundo o acompanhamento da Epagri/Cepa, o plantio foi concluído nas principais regiões produtoras, como nos municípios de Curitibanos, Frei Rogério e Lebon Régis.

Apesar da falta de chuvas nos últimos meses, o que obriga os produtores a fazer uso da irrigação, as lavouras estão em pleno desenvolvimento vegetativo e sem grandes problemas fitossanitários.

Se por um lado a falta de chuvas aumenta o custo de produção, pela necessidade da irrigação, por outro está contribuindo para que as lavouras estejam se desenvolvendo com menor uso de agrotóxicos para combater pragas e doenças.

Em relação à área plantada para a safra 2019/20, segundo a Epagri/Cepa são 1.873ha cultivados, contra 2.406ha na safra passada, uma redução de 22,15%. Esta redução na área de cultivo está diretamente relacionada aos resultados econômicos negativos de grande parte dos produtores catarinenses nas safras 2017/18 e 2018/19.

Em termos de produção e produtividade, a expectativa é de uma colheita de 16.830 toneladas, redução de 5,10% em relação à safra passada, com produtividade média de 8.985kg/ha.

Comércio exterior

Nos primeiros sete meses de 2019, a importação de alho pelo Brasil atingiu 106,88 mil toneladas, com média mensal de 15,26 mil toneladas, situação muito semelhante à ocorrida no mesmo período do ano passado, cujo volume médio foi de 15,68 mil toneladas mensais (Tabela 1).

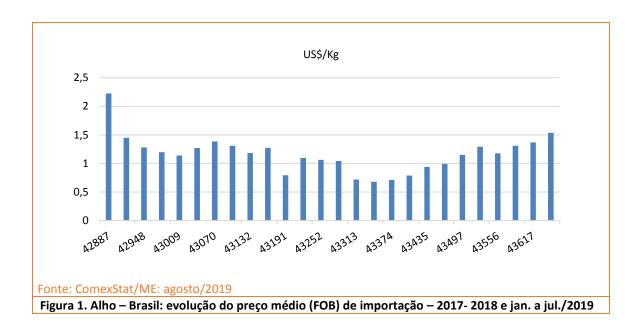
Embora os volumes não sejam significativos, quando considerado o quadro de consumo de alho no Brasil e a importância do produto importado para o abastecimento, chama atenção que, desde abril deste ano, as importações são menores em relação aos mesmos meses do ano passado.

Tabela	Tabela 1. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2018 e jan./jul./2019 (mil t)												
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	-	-	-		-	106,88
Fonte: (Fonte: Comexstat/ME: agosto/2019.												

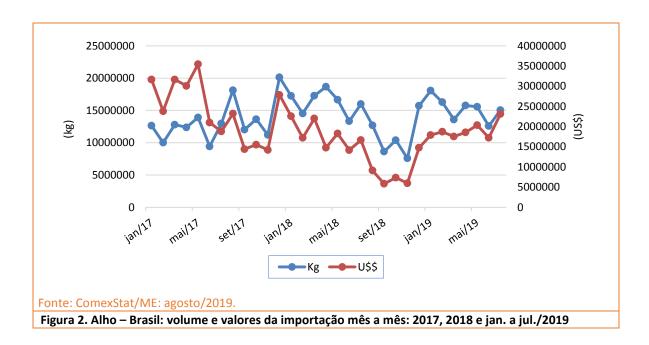
Como pode ser visto na figura 1, o preço FOB do último mês manteve a tendência de recuperação iniciada em outubro de 2018. Além de manter o ritmo de recuperação, o preço (FOB) médio de julho foi o melhor desde julho de 2017.

É importante ressaltar que o preço médio FOB registrado nas importações pelo Brasil cresceu aproximadamente 130% desde setembro de 2018, o pior mês em três anos, saindo de US\$ 0,67/kg para US\$ 1,54/kg (Figura 1), de acordo com os dados do ComexStat/ME, mostrando um quadro de constante recuperação dos preços internacionais.





Na figura 2 é apresentada a evolução da quantidade (kg) internalizada e o desembolso mensal (US\$) nos anos de 2017 e 2018 e até julho de 2019. Neste ano, o dispêndio total já alcança US\$ 133,42 milhões, para uma entrada de 106,88 mil toneladas de produto.

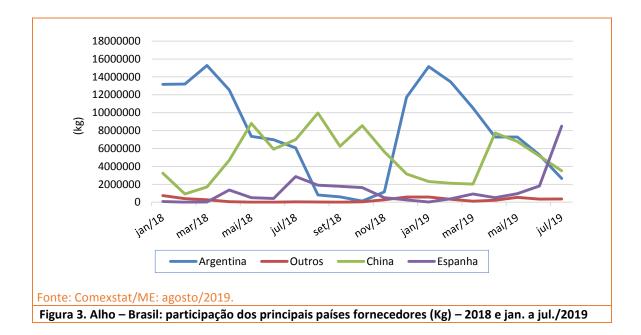


A seguir, é apresentada a participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil no ano de 2018 e de janeiro a julho de 2019.

O principal fornecedor no mês de julho foi a Espanha, com a venda de 8,49 mil toneladas, perfazendo 56,41% do total para o mês. Em segundo lugar vem, a China com3,52 mil toneladas, equivalentes a 23,38%, e em terceiro a Argentina, com 2,66 mil toneladas ou 17,67%. Os demais fornecedores participaram com 0,38 mil toneladas, perfazendo 2,52 % (Figura 3).



A constante redução da entrada de alho oriundo da China, que se dá desde abril, período tradicional em que o abastecimento brasileiro era de maior participação daquele país, pode estar sinalizando que a China começa a ter menor volume de produção disponível para o mercado brasileiro, fruto da redução de área plantada anunciada no ano passado.





Cebola

Jurandi Teodoro Gugel Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Boas perspectivas para a nova safra de cebola em Santa Catarina se mantém. O clima seco, apesar da necessidade de irrigação, está contribuindo para a boa sanidade das lavouras.

Preço

O mercado nacional da cebola no mês de julho manteve-se bom, como já vinha ocorrendo nos últimos meses. A demanda em alta e uma oferta bastante ajustada contribuiu positivamente para as boas cotações do produto no mercado. Segundo a revista Hortifruti/Cepea, a cebola atingiu, no mês de julho, as melhores cotações de mercado desde 2015.

Em julho, a região do Cerrado foi a principal fornecedora do mercado nacional da hortaliça, principalmente oriunda das regiões de Santa Juliana (MG) e Cristalina (GO). Nas regiões paulistas de Divinolândia e Piedade, com cebola produzida a partir de bulbilhos, os produtores intensificaram a colheita ou, até mesmo, a anteciparam, com o objetivo de aproveitar as boas cotações no período.

O mês de julho teve os melhores preços da hortaliça desde julho de 2015, com os produtores de Goiás e Minas Gerais chegando a receber, pela cebola caixa 3, R\$ 3,86/Kg.

Não foi diferente nas regiões de São Paulo, que, conforme citado acima, também aproveitaram o mercado aquecido para comercializar a produção, com excelente retorno ao produtor.

Por outro lado, na segunda semana de agosto houve redução de preços para patamares menores, como em Santa Juliana (MG), onde a saca de 20kg da cebola caixa 3 foi comercializada por R\$ 65,75, redução de 9,9% em relação à semana anterior, segundo a Horfruti/Cepea, mas mantendo boa margem de retorno aos produtores.

No mercado de atacado da Ceasa/SC — Unidade de São José — SC, o mês de julho iniciou com preço da cebola nacional caixa 3 a R\$ 3,75/Kg, alta de mais de 100% em relação ao preço do início de junho, que foi de R\$ 1,75/kg. Os preços tiveram um pequeno recuo entre os dias 15 e 29 de julho, permanecendo em R\$ 3,50/kg. Porém, na primeira semana de agosto voltaram ao patamar de R\$ 3,75/kg.

Na Ceagesp, maior central de abastecimento da América Latina, no mês de julho os preços da cebola permaneceram sempre acima de R\$ 3,50/Kg, alcançando, excepcionalmente no dia 01/08/19, R\$ 4,41/kg. Portanto, um mês de demanda aquecida e alta liquidez no mercado.

Safra catarinense

A atual conjuntura, com mercado muito favorável, está deixando toda a cadeia produtiva com expectativas muito positivas com os resultados econômicos para a safra catarinense 2019/20.

As condições climáticas reinantes nas regiões produtoras do Estado, se por um lado exigem uso de irrigação pela falta de chuvas, por outro contribuem para que um bom desenvolvimento vegetativo e condições fitossanitárias muito boas. Com isso, há expectativa de uma safra com produção de bulbos de qualidade.

O frio intenso, em alguns curtos períodos ocorridos no mês de julho, não afetou o bom início de desenvolvimento da safra 2019/20. Nas regiões onde o plantio é realizado mais cedo, como no Vale do Itajaí e Tabuleiro, próxima a região litorânea, o desenvolvimento vegetativo da cultura foi beneficiado pelas temperaturas mais elevadas nos meses de maio e junho, que permitiu maior crescimento das plantas.



Na região do Alto Vale do Itajaí, principal região produtora da hortaliça no Estado, 75% das lavouras já foram implantadas, encontrando-se em estágio de desenvolvimento vegetativo, visto que a semeadura dos canteiros ocorre desde o mês de abril/maio para as variedades precoces.

Na região do Tabuleiro, embora com menor expressão na produção para Santa Catarina, é a região de maior desenvolvimento vegetativo da cultura em função das condições climáticas. Nessa região, há lavouras com materiais precoces que se encontram em formação dos bulbos e em excelentes condições fitossanitárias.

Nas regiões de Curitibanos e Joaçaba, meio Oeste do Estado, as lavouras em que o plantio é feito com mudas produzidas em canteiros, foram praticamente implantadas. Restam as áreas de plantio direto, cujo período de semeadura deve ocorrer na segunda quinzena deste mês e início de setembro, segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa.

As expectativas para a safra 2019/20 são bastante positivas, especialmente se mantidas as atuais condições de sanidade das lavouras, bem como alguma melhora nas precipitações nos próximos meses.

Nesse sentido, segundo a Epagri/Cepa mantém-se as estimativas para a safra 2019/20, com uma produção acima das 500 mil toneladas, produzidas em 18.672ha de área plantada e produtividade média de pouco mais de 27 toneladas por hectare.

Comércio exterior

O mercado internacional de cebola permanece com as limitações e problemas ocasionados pela estiagem ocorrida na Europa no ano passado. Países produtores e importantes exportadores mundiais, como a Holanda e Espanha, apenas começam a dar alguns sinais de retomada na movimentação comercial da hortaliça. De qualquer forma, estes países ainda não conseguiram recuperar o espaço no mercado em função da oferta menor da hortaliça, que permanece.

A tabela 1 apresenta as exportações brasileiras de cebola. Embora com volume e valores pouco expressivos, mantemos como caráter ilustrativo, visto que, por um lado há boa remuneração e, por outro, em conjunturas adversas no mercado interno, exportar pode ser uma alternativa econômica importante, como ocorreu em 2018 para as regiões produtoras de São Paulo, cujo mercado foi basicamente o Paraguai.

Neste ano, o volume de exportações atinge 302,67 toneladas, com valor médio por kg de US\$ 0,84 e faturamento total de pouco mais de US\$ 253,01 mil.

Tabela 1. 0	Tabela 1. Cebola: Brasil – exportações – 2015 a 2018 e jan. a jun. de 2019								
Ano	Valor – US\$	Quantidade – kg	Valor médio – US\$/kg						
2015	1.730.100	4.856.280	0,356						
2016	4.924.385	21.816.192	0,225						
2017	2.287.941	12.278.519	0,186						
2018	3.421.211	21.752.409	0,157						
2019	253.015	302.676	0,839						
Fonto: Con	Fonto: Compystat /MDIC - agosto /2010								

Fonte: Comexstat/MDIC – agosto/2019

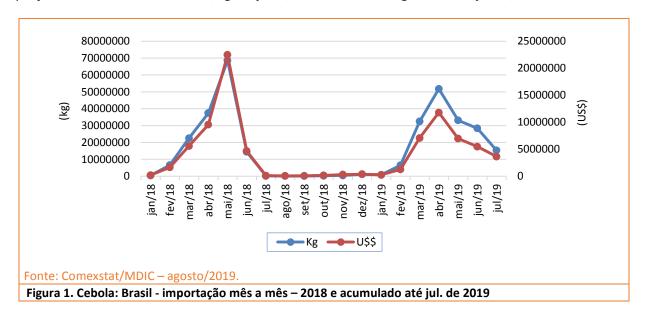
Com relação às importações (Figura 1), no mês de julho foram de cerca de 15,29 mil toneladas, contra 28,36 mil toneladas no mês de junho, redução de 46,08%, mantendo a tendência de menores volumes internalizados que ocorre desde abril.

Como pode ser visto na figura 1, o comportamento das importações brasileiras em 2019 corrobora com as análises, que demonstram a menor oferta da hortaliça no mercado internacional, favorecendo sobremaneira os produtores brasileiros. Esta situação tende a se estender por mais algum tempo, de modo

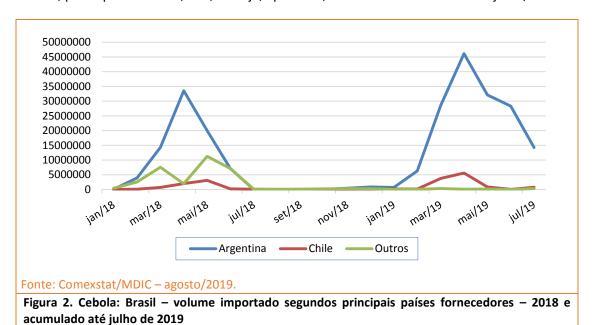


que poderá alcançar a safra catarinense 2019/20, cuja colheita ocorre a partir de outubro/novembro em algumas regiões.

O preço FOB médio foi de US\$ 0,24/kg em julho, contra US\$ 0,19/kg no mês de junho, crescimento de 26%.



No tocante a origem da cebola adquirida pelo Brasil, no mês de julho (Figura 2) as importações oriundas da Argentina tiveram nova redução em relação ao mês anterior, mantendo a tendência que ocorre desde o mês de abril. Mesmo assim, o país vizinho foi o principal fornecedor da cebola importada, com 14,2 mil toneladas para o mês, significando 92,87% do total internalizado pelo Brasil. Os demais países, como o Chile e outros, participaram com 7,13%, ou seja, apenas 1,09 mil toneladas no mês de julho/19.



28



Pecuária

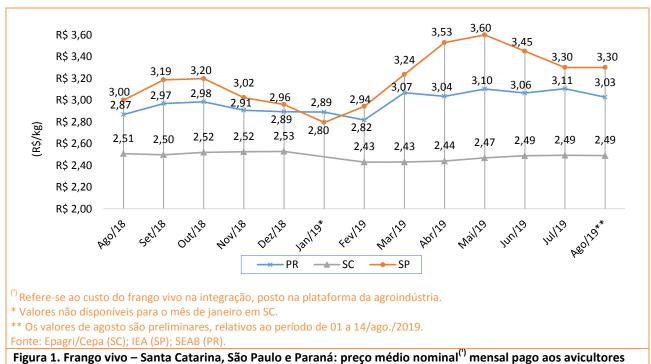
Avicultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de agosto, os preços do frango vivo ao produtor mantiveram-se estáveis na maioria dos estados analisados no âmbito deste boletim. Em Santa Catarina, registrou-se leve queda de 0,10% no preço preliminar de agosto em comparação com a média de julho, enquanto em São Paulo não houve nenhuma alteração. No Paraná, por sua vez, ocorreu queda de 2,54% no período.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em agosto de 2018, observam-se variações positivas em São Paulo (10,00%) e no Paraná (5,60%). Santa Catarina registrou variação de -0,72% no período. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 3,22%, de acordo com o IPCA/IBGE.

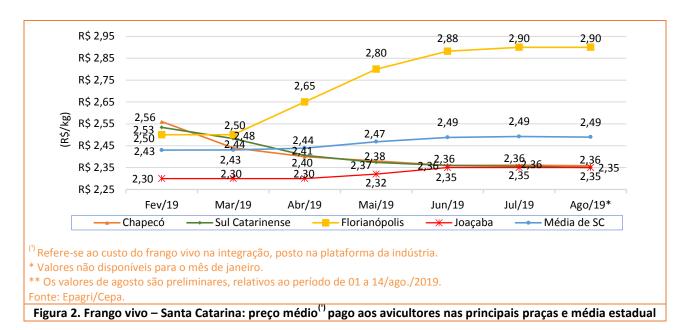


rigura 1. Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Parana: preço medio nominai - mensai pago aos avicultores

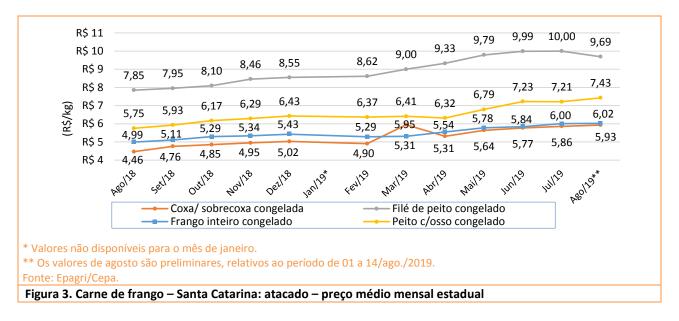
Assim como no restante do país, em Santa Catarina os preços encontram-se relativamente estáveis, com oscilações muito reduzidas em algumas praças. A maior variação das primeiras semanas de agosto foi registrada no Sul Catarinense, com queda de 0,27%. Chapecó, por sua vez, registrou oscilação de -0,15%. Nas praças de Joaçaba e Florianópolis não se registrou nenhuma mudança em relação às médias de julho.

Quando se comparam os preços atuais e aqueles praticados em agosto de 2018, verifica-se variação de -6,43% em Chapecó e -6,00% no Sul Catarinense.





No mercado atacadista, nas primeiras semanas de agosto observou-se predominância de altas. Em relação a julho, os preços preliminares deste mês apresentam variação positiva: peito com osso congelado (3,04%), coxa/sobrecoxa congelada (1,20%) e frango inteiro congelado (0,30%). O único corte que registrou queda foi o filé de peito congelado (-3,07%). A variação média dos quatro cortes foi de apenas 0,36%.



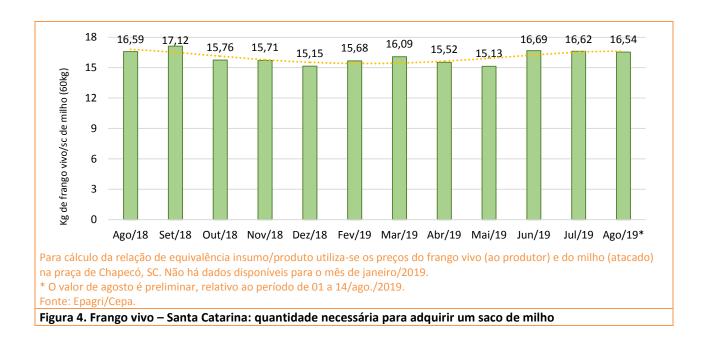
Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em agosto de 2018, verificam-se altas significativas em todos os cortes: coxa/sobrecoxa congelada (32,89%), peito com osso congelado (29,18%), filé de peito congelado (23,49%) e frango inteiro congelado (20,68%). A variação média é de 26,56%.

Custos

Em julho, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), elaborado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou queda de 1,41% em relação ao mês anterior. Essa variação foi decorrente, principalmente, da redução nos custos com nutrição (-2,14%). Levando-se em consideração os últimos 12 meses, o índice também apresenta variação negativa: -4,01%.



Depois de uma alta expressiva em junho (10,32%), em julho a equivalência insumo-produto voltou a apresentar variação negativa (-0,39%). Em agosto, o valor preliminar da primeira quinzena indica a continuidade desse movimento, com variação de -0,49%. Esse resultado é decorrente principalmente da queda do preço do milho na praça de Chapecó (-0,64%), uma vez que o preço do frango vivo na mesma praça praticamente não variou (-0,15%). O valor atual está 0,29% abaixo daquele registrado em agosto de 2018.



Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **378,42 mil toneladas** de carne de frango (*in natura e* industrializada), aumento de **0,30%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 16,79%** na comparação com julho de 2018.





O faturamento com as exportações de carne de frango em julho foi de **US\$ 656,04 milhões**, aumento de **3,95%** em relação ao mês anterior e **queda de 6,27%** na comparação com julho de 2018.

O resultado negativo em relação a julho de 2018 já era esperado, uma vez que aquele mês registrou movimentação atípica nos portos brasileiros, decorrente da paralisação de caminhoneiros e empresas de transporte em 2018. Embora tenha ocorrido no final de maio, os maiores impactos da paralisação foram observados nos dois meses seguintes. Em junho observou-se uma queda drástica nos embarques de carne de frango, em função da interrupção dos abates no final de maio e, posteriormente, do tempo necessário para a normalização do transporte das cargas até os portos. Essa situação gerou um "represamento", o que fez com que julho registrasse o maior volume de carne de frango já exportado pelo Brasil num único mês: 454,79 mil toneladas.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no mês passado foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e México, que responderam por 51,82% das receitas do período.

De janeiro a julho deste ano, o Brasil exportou **2,40 milhões de toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 4,05 bilhões**. Em relação ao mesmo período de 2018, observa-se crescimento de **14,02%** nas receitas e **6,26%** na quantidade.

Os resultados parciais divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior demonstram alta na média diária de embarques de carne de frango *in natura* ao longo das duas primeiras semanas de agosto (7 dias úteis) em relação a julho: 7,69% em valor e 9,09% em quantidade. Na comparação com agosto de 2018, a variação nas médias diárias também é positiva: crescimento de 14,60% em valor e 5,77% em quantidade.

Em julho, Santa Catarina exportou **97,42 mil** toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), **queda de 3,42%** em relação ao mês anterior e de **39,21%** na comparação com julho de 2018.



O faturamento de julho foi de **US\$ 174,70 milhões**, **queda de 0,78%** em relação ao mês precedente e de **32,33%** na comparação com julho de 2018.

Assim como mencionado anteriormente para o caso nacional, a variação negativa em relação a julho de 2018 é decorrente do "represamento" das exportações de junho do ano passado, fazendo com que no mês seguinte se registrasse o maior volume de carne de frango já embarcado por Santa Catarina: 160,25 mil toneladas.



Em julho, o valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina foi de US\$ 1.736,61/tonelada, 11,43% acima da média registrada em julho de 2018.

De janeiro a julho deste ano, Santa Catarina exportou **824,13 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 1,43 bilhão**, o que representa um aumento de **33,26%** em quantidade e de **37,35%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2018. O estado foi responsável por **35,31%** das receitas brasileiras geradas pelas exportações de carne de frango nos sete primeiros meses do ano.

A tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense de janeiro a julho, os quais responderam por 51,75% do valor e 47,54% da quantidade exportada pelo estado no período.

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)	
Japão	224.873.142,00	117.136	
China	145.642.035,00	78.794	
Emirados Árabes Unidos	134.593.879,00	74.971	
Arábia Saudita	122.049.264,00	73.413	
Países Baixos (Holanda)	112.770.534,00	47.478	
Demais países	689.814.057,00	432.334	
Total	1.429.742.911,00	824.126	
Fonte: Comex Stat.			

Quando se expande a análise para os dez principais importadores da carne catarinense no ano, verifica-se que apenas dois registraram variações negativas em relação ao mesmo período de 2018: Hong Kong (-14,22% em valor e -11,48% em quantidade) e Iraque (-5,36% em valor, mas alta de 1,40% em quantidade). Dentre os resultados positivos, destacam-se Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Reino Unido, todos com aumentos superiores a 50%.

O México, 15º principal destino da carne de frango neste ano, ainda registra números negativos na comparação com o ano passado (-33,3% em valor e -46,5% em quantidade), mas os embarques aumentaram nos últimos meses e é provável que, em breve, esse resultado se reverta. Vale destacar que a queda nos embarques para aquele país ocorreu em função do fim da vigência do acordo que estabelecia uma cota livre de tarifa de importação, o qual já foi renovado e permitiu a normalização dos embarques. Em julho deste ano, o México já foi o sexto principal destino do frango catarinense.

Em recente reunião do IPC (International Poultry Council), organização criada em 2005 pelos principais países produtores de aves, especialistas vinculados ao Conselho afirmaram que o consumo de carne de frango deverá ultrapassar o de carne suína em todo o mundo ainda este ano, principalmente em função dos impactos da peste suína africana.

Produção

Em 14 de agosto, o IBGE divulgou os primeiros dados relativos ao abate de animais no 2º trimestre de 2019. De acordo com o órgão, no 2º trimestre foram abatidos 1,43 bilhão de frangos, queda de 1,53% em relação ao trimestre anterior, mas aumento de 3,63% na comparação com o mesmo período de 2018.

O peso acumulado das carcaças no 2º trimestre de 2019 foi de 3,35 milhões de toneladas, queda de 0,97% em relação ao trimestre anterior, mas acréscimo de 0,43% em relação ao mesmo período de 2018.

No próximo boletim devem ser apresentados dados mais detalhados sobre esse assunto.

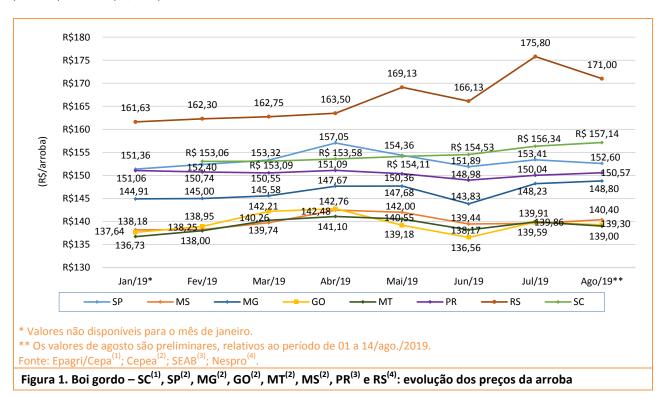


Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de agosto, o mercado do boi gordo manteve-se relativamente estável, com movimentos variados e pouco expressivos na maioria das praças. Dos oito estados analisados, quatro apresentaram variações positivas nos preços preliminares de agosto em relação a julho: Mato Grosso do Sul (0,58%), Santa Catarina (0,51%), Minas Gerais (0,39%) e Paraná (0,36%). Nos demais estados, predominaram os movimentos de queda: Rio Grande do Sul (-2,73%), Mato Grosso (-0,65%), São Paulo (-0,53%) e Goiás (-0,40%).



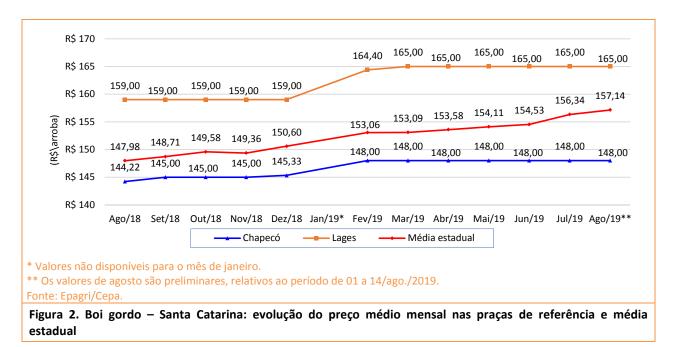
Embora haja uma relativa estabilidade quando se comparam os valores preliminares de agosto com as médias de julho, a análise dos preços diários demonstra uma tendência de alta ao longo do mês na maioria das praças, principalmente em função do avanço da entressafra e do bom ritmo das exportações brasileiras de carne bovina.

Quando se comparam os valores atuais com os registrados em agosto de 2018, verificam-se variações positivas em todos os estados: 13,89% no Rio Grande do Sul, 8,19% no Mato Grosso, 7,45% em Minas Gerais, 6,19% em Santa Catarina, 6,04% em São Paulo, 5,22% no Mato Grosso do Sul, 4,87% em Goiás e 4,47% no Paraná. Em todos os estados analisados, as variações estão acima da inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 3,22% (IPCA/IBGE).

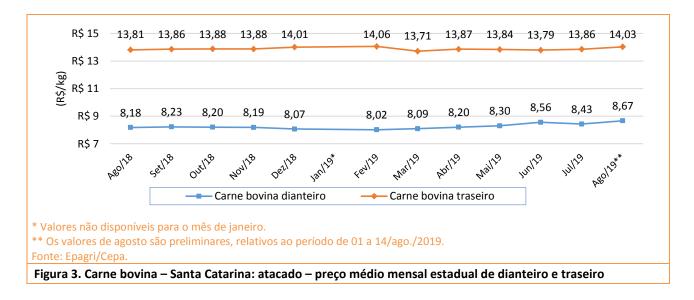
Mais uma vez, os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) mantêm-se inalterados, situação observada desde março deste ano. A média estadual, por sua vez, mantém o movimento de alta predominante desde meados de 2018 (brevemente interrompido em novembro). Os valores preliminares de agosto encontram-se 0,51% acima da média de julho.



Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em agosto de 2018, a variação é de 2,62% em Chapecó e 3,77% em Lages, enquanto a média estadual variou 6,19%⁴.



Em agosto, observou-se variações positivas nos preços de atacado dos dois cortes analisados no âmbito deste boletim. A carne de traseiro registrou alta de 1,27% na comparação com a média de julho. Já a carne de dianteiro, que apresentou queda em julho, voltou a subir nas primeiras semanas de agosto, registrando alta de 2,79% e atingindo seu maior valor médio nominal desde março de 2017. Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em agosto de 2018, verificam-se variações de 5,93% na carne de dianteiro e de -1,60% na carne de traseiro.



⁴ Em 2018 ampliou-se o número de praças de coleta de preços do boi gordo de 8 para 10, o que afeta a comparação entre os valores atuais e os anos anteriores. Ao calcularmos a variação do preço médio estadual sem as duas novas praças (Caçador e Florianópolis), a variação entre agosto de 2018 e agosto de 2019 é de 5,63%.

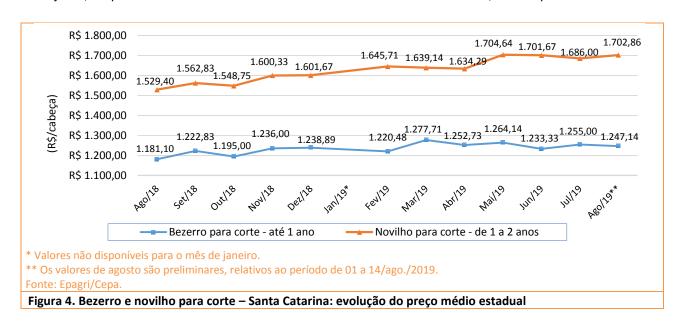
35



Segundo diversos analistas, essa alta nos preços de atacado é decorrente de múltiplos fatores, dentre os quais se destacam os bons resultados das exportações brasileiras nos últimos meses e o aumento na demanda de carne bovina decorrente das comemorações relacionadas ao dia dos pais.

Custos

As duas categorias de animais de reposição analisadas apresentaram movimentações distintas em agosto. O preço médio estadual dos bezerros para corte de até 1 ano registrou queda de 0,63% na comparação com julho, enquanto no caso dos novilhos de 1 a 2 anos observou-se alta de 1,00% no período.



Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **155,58 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), crescimento de **15,96**% em relação ao mês anterior, mas **queda de 2,06**%, na comparação com julho de 2018. Esse foi o maior volume exportado desde o início deste ano.



36



As receitas de junho foram de **US\$ 613,14 milhões**, alta de **19,14%** na comparação com junho. Por outro lado, em relação a julho de 2018 registra-se **queda de 7,04%**.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira em julho foram China, Hong Kong, Egito, Chile e Estados Unidos, que responderam por 64,68% das receitas e 62,65% do volume embarcado no mês.

De janeiro a julho deste ano foram exportadas **981,75 mil** toneladas de carne bovina, **20,20%** mais que no mesmo período do ano anterior. O faturamento foi de **US\$ 3,72 bilhões**, alta de **11,69%** em relação a 2018.

A China, principal importador, ampliou em 10,89% suas aquisições de carne bovina brasileira este ano. Esse crescimento deve-se, principalmente, à redução na oferta de proteínas de origem animal, decorrente do surto de peste suína africana (PSA) enfrentado por aquele país. Juntos, China e Hong Kong respondem por 41,36% das receitas brasileiras com exportação de carne bovina em 2019.

Os dados parciais da Secretaria de Comércio Exterior, referentes às duas primeiras semanas de agosto (7 dias úteis), demonstram que a quantidade média diária de carne bovina *in natura* exportada caiu 1,58% na comparação com o mês anterior. Contudo, em termos de valor registra-se variação positiva de 4,06% no mesmo período. Em relação à média diária de agosto de 2018, se observam variações negativas nos dois parâmetros: -9,18% em valor e -12,13% em quantidade.

As exportações catarinenses de carne bovina registraram resultados negativos em julho. Foram exportadas **310 toneladas**, queda de 26,73% em relação ao mês anterior e de 17,60% na comparação com julho de 2018. O faturamento de julho foi **de US\$ 838 mil**, 32,48% menor que junho e 29,16% abaixo do registrado em julho do ano passado.

No acumulado deste ano, Santa Catarina exportou **2,42 mil toneladas** de carne bovina, com faturamento de **US\$ 6,83 milhões**, queda de 4,26% em quantidade e 17,67% em valor, na comparação com o mesmo período de 2018. Hong Kong foi o destino de 57,69% da carne bovina exportada pelo estado este ano.

Produção

Em 14 de agosto, o IBGE divulgou os primeiros dados relativos ao abate de animais no 2º trimestre de 2019. De acordo com o órgão, no 2º trimestre de 2019 foram abatidos 8,08 milhões de bovinos, aumento de 2,39% na comparação com o trimestre imediatamente anterior e de 4,06% em relação ao 2º trimestre de 2018.

O peso acumulado das carcaças no 2º trimestre de 2019 foi de 2,01 milhões de toneladas, o que representa alta de 3,59% em relação ao trimestre anterior e de 5,47% na comparação com mesmo período de 2018.

No próximo boletim devem ser apresentados dados mais detalhados sobre esse assunto.



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Após seis meses de altas consecutivas, em agosto o mercado de suínos vivos para abate registra quedas significativas em todos os cinco estados analisados neste boletim (Figura 1).

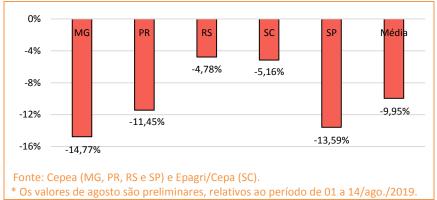
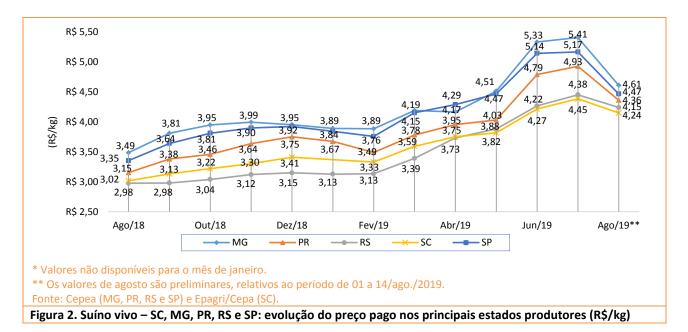


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jul./ago. de 2019*)

Apesar disso, na comparação com agosto de 2018 as variações ainda são fortemente positivas: 42,49% no Rio Grande do Sul, 38,37% no Paraná, 37,50% em Santa Catarina, 33,18% em São Paulo e 32,21% em Minas Gerais. Em todos os casos, os valores atuais superam em muito a inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 3,22%, segundo o IPCA/IBGE.

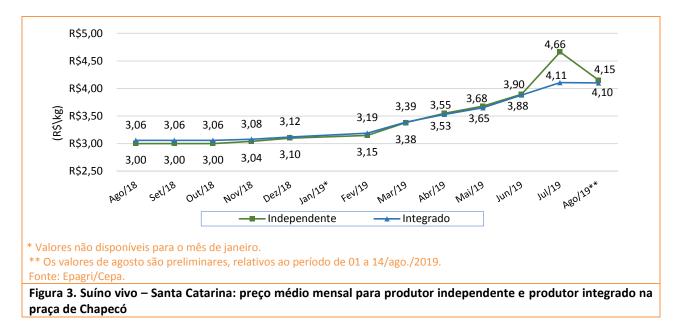
Esse movimento de queda

observado nas últimas semanas deve-se, principalmente, ao mercado interno, que segue retraído. Com isso, grande parte dos frigoríficos reduziu o ritmo dos abates, para evitar acúmulos excessivos nos seus estoques. Nem mesmo o bom fluxo de exportações foi capaz de garantir a manutenção dos preços ao produtor. Há expectativa de que as importações de carne suína da China cresçam ainda mais ao longo do segundo semestre, em decorrência do avanço da peste suína africana (PSA) naquele país, o que deve ajudar a "enxugar" o mercado interno e garantir preços compensadores aos produtores.

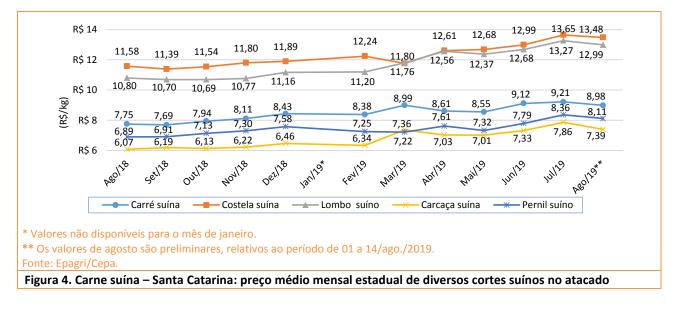




Em Chapecó, praça de referência para os suínos vivos em Santa Catarina, também se registrou queda nos preços, situação que não era observada desde abril de 2018. Nas primeiras semanas de agosto, os produtores independentes receberam em média 10,97% menos que no mês anterior pelo kg do animal vivo. No caso dos produtores integrados, por sua vez, observou-se pequena variação de -0,17%. Na comparação com agosto de 2018, as variações são positivas em ambos os casos: 38,33% para os produtores independentes e 33,99% para os integrados.



Após movimentos consistentes de alta em junho e julho, os preços de atacado da carne suína registraram quedas nas primeiras semanas de agosto, quando comparados ao mês anterior. Todos os cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa apresentaram variações negativas no período: carcaça (-5,98%), pernil (-2,99%), carré (-2,52%), lombo (-2,10%) e costela (-1,25%).

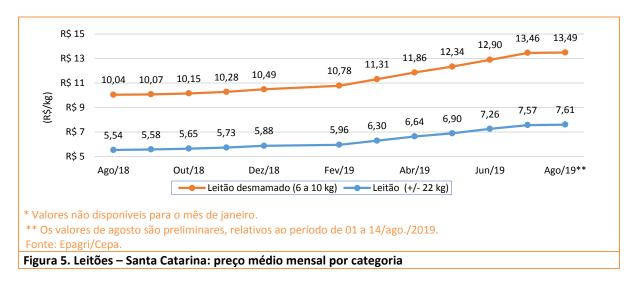


Apesar dessa queda, na comparação com os preços de agosto de 2018 a variação ainda é positiva em todos os casos: carcaça (21,70%), lombo (20,28%), pernil (17,68%), costela (16,42%) e carré (15,90%). Na média, os cinco cortes apresentaram variação de 17,68% nesse período.



Custos

Apesar da queda nos preços dos suínos vivos para abate, os preços dos leitões mantiveram os movimentos de alta registrados desde junho de 2018, embora com intensidade menor. No caso dos leitões de 6 a 10kg, os preços preliminares de agosto estão 0,27% acima da média de julho. Os leitões na faixa dos 22kg, por sua vez, apresentaram variação de 0,50% no mesmo período. Na comparação entre os valores atuais e as médias de agosto de 2018, as diferenças são bastante expressivas: aumento de 34,38% para os leitões de 6 a 10kg e de 37,36% para os leitões na faixa dos 22kg.



Em julho, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou leve queda de 0,10% em relação ao mês anterior, principalmente em decorrência da variação negativa nos custos com nutrição (-0,11%). Nos últimos 12 meses, o ICPSuíno registra queda de 5,47%.

Assim como já havia acontecido em junho, em agosto a relação de equivalência insumo-produto voltou a subir: alta de 5,60% na comparação entre o valor preliminar de agosto e a média de julho. Esse movimento foi decorrente da queda de 5,91% no preço do suíno vivo na praça de Chapecó, situação que foi apenas parcialmente compensada pela queda no preço do milho na mesma praça (-0,64%). Isso significa que em agosto são necessários 5,91% mais quilos de suínos vivos para adquirir uma saca de 60kg de milho que no mês anterior. Apesar da alta, o valor atual do índice é 31,47% inferior àquele registrado em agosto de 2018.

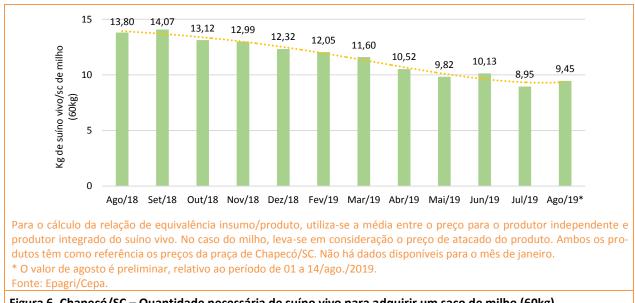
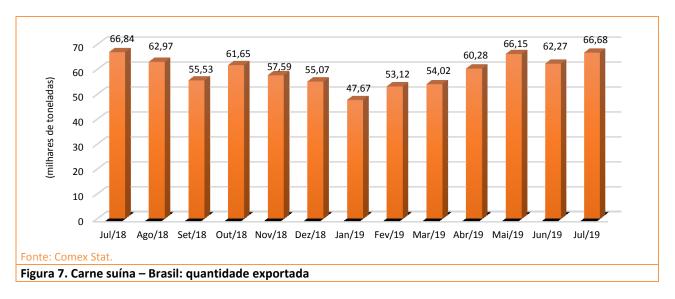


Figura 6. Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg)



Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **66,68 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **7,09%** em relação a junho, mas pequena **queda de 0,24%** na comparação com julho de 2018.



O faturamento de julho foi de **US\$ 146,68 milhões**, crescimento de **7,68%** em relação ao mês anterior e de **24,67%** quando comparado a julho de 2018.

Segundo relatório elaborado no início de agosto por analistas do BTG Pactual, embora os volumes de exportações de carne suína *in natura* em julho tenham ficado abaixo das expectativas, o cenário permanece positivo para o setor. Os analistas esperam que a demanda da China tenha um impacto ainda maior nas exportações brasileiras do produto ao longo do 2º semestre.

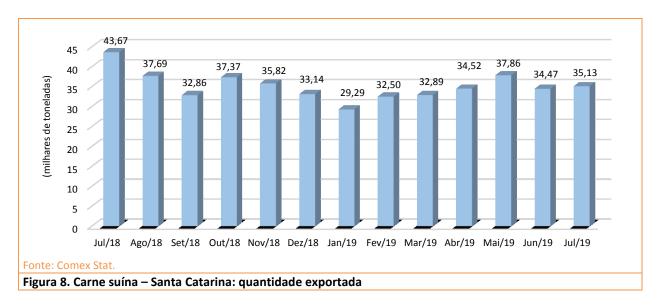
Por outro lado, alguns especialistas acreditam que as exportações podem ser limitadas por restrições na elevação da produção, principalmente a falta de capital dos produtores para investir na atividade, o receio das empresas em relação à duração desse aumento na demanda internacional e o mercado doméstico pouco consistente.

De janeiro a julho deste ano, o Brasil exportou **410,18 mil** toneladas de carne suína, **19,72%** mais que no mesmo período de 2018, com receitas de **US\$ 845,09 milhões**, aumento de **25,77%** em relação ao ano anterior.

De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior, nas duas primeiras semanas de agosto (7 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou queda quando comparada a julho: -15,18% em valor e -9,94% em quantidade. Em relação a agosto de 2018, registra-se queda de 0,54% na quantidade diária embarcada, mas alta de 18,95% em termos valor.

Em julho, Santa Catarina exportou **35,13 mil** toneladas de carne suína, crescimento de **1,91%** na comparação com o mês anterior, mas queda de **19,55%** em relação a julho de 2018.





Em termos de receitas, o faturamento de julho foi de **US\$ 75,17 milhões**, alta de **3,52%** em relação a junho e de **1,29%** na comparação com julho de 2018.

A variação negativa em relação à quantidade exportada em julho de 2018 deve-se principalmente à paralisação de caminhoneiros e empresas de transporte, ocorrida em maio daquele ano e que acabou afetando os meses seguintes. Em junho observou-se uma queda drástica nos embarques de carne suína, em função da interrupção dos abates e do tempo necessário para a normalização do transporte e a chegada das cargas até os portos. Essa situação gerou um "represamento", o que fez com que julho registrasse o maior volume de carne suína já exportado por Santa Catarina num único mês: 43,67 mil toneladas.

Em julho, o valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina foi de US\$ 2.187,91/t, 19,27% acima da média registrada em julho de 2018.

De janeiro a julho deste ano, o estado exportou **236,66 mil** toneladas de carne suína, aumento de **29,24**% em relação ao mesmo período de 2018, com faturamento de **US\$ 467,66 milhões**, alta de **33,51**% na comparação com o ano anterior.

Santa Catarina foi responsável por **55,34**% das receitas **e 57,70**% da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano, reforçando a posição de principal exportador de carne suína do país.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína este ano foram responsáveis por 75,35% das receitas e 72,31% da quantidade embarcada.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a Jul./2019						
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)				
China	192.255.290,00	91.118				
Hong Kong	64.703.567,00	37.898				
Chile	56.170.911,00	26.296				
Argentina	21.184.247,00	8.993				
Rússia	18.083.156,00	6.824				
Demais países	115.263.740,00	65.534				
Total	467.660.911,00	236.663				
Fonte: Comex Stat.						

Dos dez principais importadores da carne catarinense este ano, três registram variação negativa quando comparado ao mesmo período de 2018: Argentina (-15,78% em valor e -11,13% em quantidade), Cingapura



(-1,32% em valor e -9,70% em quantidade) e Angola (-9,59% em valor, mas com alta de 3,01% em quantidade). Dentre os resultados positivos, destacam-se o crescimento dos embarques para a China (49,89% em valor e 40,24% em quantidade) e para o Chile (53,21% e 52,47%).

Também merece menção a retomada das exportações para a Rússia (que ocupa a 5ª colocação no ranking deste ano), bem como o crescimento dos embarques para o Vietnã (577,82% em valor e 676,02% em quantidade) e Coreia do Sul (450,07% em valor e 541,53% em quantidade).

Assim como a China, o Vietnã enfrenta um surto de PSA, que tem prejudicado a produção nacional e demandado crescimento das compras externas por parte daquele país.

O acirramento das tensões comerciais entre Estados Unidos e China nas últimas semanas pode beneficiar o Brasil, principalmente no que diz respeito à carne suína, caso os chineses decidam reduzir as compras de produtos agrícolas estadunidenses, conforme noticiado por algumas agências internacionais.

Peste suína africana

De acordo com o mais recente relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), cerca de 4,86 milhões de suínos já foram eliminados por causa dos surtos de PSA que atingem a Ásia. Ainda segundo o relatório, já foram detectados 240 focos da doença, espalhados por seis países asiáticos. Os dados da FAO divergem das estimativas de analistas de mercado, pois contabilizam somente os números divulgados pelos órgãos oficiais de cada país.

Números divulgados pelo Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais da China apontam que o rebanho suíno do país encolheu 25,8% em junho, em relação ao ano anterior. Ainda de acordo com o governo chinês, o número de matrizes caiu 26,7%.

Segundo dados divulgados pela Administração Geral das Alfândegas da China, o país importou 818,7 mil toneladas de carne suína no primeiro semestre, o que representa um aumento de 26,3% em relação ao mesmo período de 2018.

Em agosto, completa-se um ano desde a detecção do primeiro caso de PSA na China.

Um dos resultados desse surto de PSA é uma mudança no ranking mundial de proteínas de origem animal. Segundo manifestação de especialistas ligados ao IPC (International Poultry Council), organização criada em 2005 pelos principais países produtores de aves, o consumo mundial de carne de frango deverá ultrapassar o de carne suína ainda este ano.

Produção

Em 14 de agosto, o IBGE divulgou os primeiros dados relativos ao abate de animais no 2º trimestre de 2019. De acordo com os dados apresentados, no 2º trimestre de 2019 foram abatidos 11,39 milhões de suínos, aumento de 0,69% em relação ao trimestre anterior e de 5,15% na comparação com o mesmo período de 2018.

O peso acumulado das carcaças no 2º trimestre de 2019 foi de 1,02 milhão toneladas, o que representa alta de 2,52% em relação ao trimestre anterior e de 4,31% na comparação com mesmo período de 2018.

No próximo boletim devem ser apresentados dados mais detalhados sobre esse assunto.



Leite

Tabajara Marcondes Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

Na reunião realizada no dia 26/07 o Conseleite/SC projetou o preço de referência de julho em R\$ 1,1468/I, queda de 4,7% em relação ao valor de junho de 2019 e de 18,4% em relação a julho de 2018. É o segundo mês consecutivo de preço de referência inferior ao do mesmo mês de 2018, comportamento que deve predominar para a maioria dos demais meses deste segundo semestre (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite – 2016-19								
Mês	R\$/litro na p	Variação %						
ivies	2016	2017	2018	2019	2018-19			
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	20,3			
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	1,2309	21,5			
Março	1,0652	1,1412	1,0857	1,1957	10,1			
Abril	1,1166	1,1693	1,1295	1,2185	7,9			
Maio	1,1430	1,1733	1,1522	1,2535	8,8			
Junho	1,3363	1,1394	1,3454	1,2036	-10,5			
Julho	1,5500	1,0617	1,4050	1,1468	-18,4			
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997					
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582					
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351					
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358					
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228					
Média anual	1,1408	1,0634	1,1793					

Julho/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

Considerados o patamar deste preço de julho e o crescimento da oferta nacional nos próximos meses, não está descartada a possibilidade que os preços do Conseleite/SC voltem a se aproximar de R\$1,00/l, principalmente mais ao final deste ano e/ou início do próximo, quando a oferta interna deverá estar em patamares superiores aos atuais.

Ainda que isso não se confirme no âmbito dos valores de referência do Conseleite/SC, é certo que parte dos produtores catarinenses receberá preços inferiores a R\$ 1,00/I. Os levantamentos de preços da Epagri/Cepa relativos ao mês de agosto, que remunera o leite entregue em julho, ainda estão em andamento, mas, em mais de uma praça do estado, já em agosto haverá preços mínimos inferiores a R\$ 1,00/I.

O preço médio estadual também deve seguir decrescendo, mas, a julgar pelo patamar de julho, é pouco provável que até o final do ano caia abaixo de R\$ 1,00/l. Ainda assim, como já foi em julho, na maioria dos próximos meses deve ficar em patamar inferior ao do mesmo mês de 2018. Neste mês de agosto, a queda será bastante variável, já que algumas empresas promoveram reduções mais significativas em julho e outros deixaram para fazê-lo apenas neste mês. De qualquer maneira, o preço médio estadual deve ficar abaixo de R\$ 1,20/l (Tabela 2).



Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores – 2016-19								
Mês	R\$	Variação %						
ivies	2016	2017	2018	2019	2018-19			
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	17,0			
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	24,5			
Março	1,02	1,25	0,96	1,26	31,3			
Abril	1,07	1,28	1,01	1,28	26,7			
Maio	1,11	1,29	1,09	1,33	22,0			
Junho	1,19	1,29	1,14	1,33	16,7			
Julho	1,29	1,25	1,30	1,23	-5,4			
Agosto	1,52	1,13	1,35					
Setembro	1,41	0,99	1,31					
Outubro	1,24	0,91	1,28					
Novembro	1,10	0,92	1,24					
Dezembro	1,08	0,95	1,11					
Média anual	1,16	1,13	1,14					

⁽¹⁾ Preço médio mais comum no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção

No dia 14/08 o IBGE divulgou novos dados da sua Pesquisa Trimestral do Leite. São dados preliminares e apenas de âmbito nacional. Por eles se constata que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas, no primeiro semestre de 2019, cresceu 4,8% em relação ao mesmo período de 2018. Seria considerado um aumento significativo se uma boa parte dele não fosse explicada pelo comprometimento da captação de leite em maio e parte de junho de 2018, por conta das paralisações dos caminhoneiros. A comparação com os primeiros semestres de outros anos recentes é mais realista, mostrando, por exemplo, apenas discretos aumentos de oferta em relação ao primeiro semestre de 2015 (2,3%) e 2014 (0,5%) (Tabela 3).

Tabela 3. Leite cru	– Brasil: qua	ntidade adq	uirida pelas	indústrias ir	specionadas	s – 2014-19	
Mês	Bilhão de litros						
ivies	2014	2015	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	2.229	2.208	2.072	2.101	2.161	2.202	
Fevereiro	1.922	1.900	1.892	1.833	1.890	1.926	
Março	2.038	2.028	1.898	1.928	1.968	2.053	
Abril	1.911	1.851	1.749	1.812	1.873	1.919	
Maio	1.948	1.886	1.742	1.907	1.734	1.979	
Junho	1.939	1.908	1.728	1.929	1.872	1.967	
1º semestre	11.987	11.781	11.081	11.510	11.498	12.046	
Julho	2.018	1.985	1.897	2.058	2.036		
Agosto	2.124	2.018	1.989	2.118	2.120		
Setembro	2.085	1.988	1.963	2.103	2.100		
Outubro	2.119	2.074	2.048	2.141	2.222		
Novembro	2.152	2.066	2.052	2.154	2.210		
Dezembro	2.262	2.151	2.140	2.250	2.271		
Total anual	24.747	24.063	23.170	24.334	24.457		

2018 e 2019: dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.



Balança comercial

A exemplo do que se vê com a produção, a balança comercial de lácteos também não mostra pressão de oferta. Mesmo com o crescimento das importações, como cresceram também as exportações, o déficit comercial aumentou pouco na comparação de janeiro a julho deste ano com o ano anterior (Tabela 4).

Tabela 4. Balança comercial brasileira de lácteos – 2017-2019										
	Toneladas									
Mês	Importações			Exportações			Saldo			
	2017	2018	2019	2017	2018	2019	2017	2017 2018		
Janeiro	18.960	8.366	13.649	3.897	2.068	1.691	-15.063	-6.298	-11.958	
Fevereiro	16.312	10.332	16.046	3.594	2.263	2.329	-12.718	-8.069	-13.717	
Março	15.467	9.029	10.689	4.620	2.228	2.897	-10.847	-6.801	-7.792	
Abril	13.536	11.965	10.864	1.609	1.343	1.661	-11.927	-10.622	-9.203	
Maio	17.700	13.418	13.729	2.260	712	1.953	-15.440	-12.706	-11.776	
Junho	17.338	11.077	10.954	3.596	1.042	1.489	-13.742	-10.035	-9.465	
Julho	16.027	13.848	9.949	2.326	1.127	1.721	-13.701	-12.721	-8.228	
Até julho	115.340	78.035	85.880	21.902	10.783	13.741	-93.438	-67.252	-72.139	
Agosto	13.472	13.266		2.866	2.018		-10.606	-11.248		
Setembro	10.400	11.863		2.493	2.653		-7.907	-9.210		
Outubro	8.968	18.471		2.252	1.919		-6.716	-16.552		
Novembro	9.093	17.919		4.336	2.207		-4.757	-15.712		
Dezembro	9.057	10.285		2.191	2.664		-6.866	-7.621		
Total	166.330	149.839		36.040	22.244		-130.290	-127.595		

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat.